

**AS RELAÇÕES DE PODER NA ARQUITETURA ECLÉTICA
RESIDENCIAL DE PARNAÍBA-PI**

Neuza Brito de Arêa Leão Melo*
neuzabalmelo@globo.com
Juliana Lopes Elias**
juliana_elias@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo busca analisar como as relações de poder atuam na arquitetura das residências ecléticas construídas na primeira metade do século XX, no sítio histórico de Parnaíba, importante cidade ao norte do Piauí. Trata-se de um rico patrimônio arquitetônico, cujas casas se destacam não só por aspectos estéticos, mas também por sua organização e representação. Pretende-se ressaltar a importância da residência, sua organização, significados e objetivos, bem como as influências nessas construções, que variam desde as históricas, econômicas e culturais, até as relações de poder tão discutidas por Michel Foucault. A partir deste estudo e salientando que as fontes arquitetônicas são excelentes campos de pesquisa, inicia-se um novo caminho rumo à história de Parnaíba.

Palavras-chaves: História. Parnaíba. Arquitetura. Relações de poder. Residência.

História, Cidade e Arquitetura

A crise dos paradigmas explicativos da História colocou em discussão marcos conceituais dominantes até o momento, cujo modelo era o das abordagens totalizantes, dos documentos, a história dos grandes eventos e dos grandes homens. Mas a realidade não mais cabia no esquema de verdades absolutas e de módulos redutores e, a partir das três últimas décadas do século XX, os historiadores saíram em busca de novas questões, novos problemas, temas e campos de estudo, bem como começaram a utilizar fontes diversificadas.

* Graduada em Arquitetura e Urbanismo – Instituto Camillo Filho – ICF. Especialista em História da Arte e da Arquitetura – Instituto Camillo Filho – ICF. Mestranda em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí - UFPI.

** Doutora em História - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil - Universidade Federal do Piauí - UFPI.

É nesse novo contexto que acontece a História Cultural, caracterizando-se, principalmente, pela multiplicidade de abordagens e objetos, trabalhando e pensando a cultura como um conjunto de significados construídos e partilhados pelos homens para explicar o mundo (PESAVENTO, 2004).

As expressões culturais das elites ou das classes subalternas não são negligenciadas, ao contrário, o que ocorre é uma valorização das estratificações e dos conflitos socioculturais como objeto de investigação. De acordo com Chartier (1988, p.17) “a história cultural tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos”.

Desde então, as cidades passam a ser um dos principais objetos de estudo. Elas constituem uma forma de escrita na História porque são como receptáculos de memórias, locais de acumulação de riquezas, conhecimentos, cultura, produção de textos, documentos e cada historiador busca o seu modo de ler as cidades, possui suas próprias técnicas e ferramentas, estabelecendo um diálogo com a História.

A Arquitetura aparece então, como um excelente instrumento de leitura, funcionando como local de fixação da memória. As construções são como um texto escrito, prontas a ser decifradas. As ruas, as residências, os edifícios públicos carregam consigo as experiências e memórias de quem os percorreu, um registro da vida social.

Desse modo, um bom caminho para entender a história da cidade de Parnaíba é através de sua arquitetura. Na primeira metade do século XX, a economia local passava por seu período áureo e em razão disso, a arquitetura produzida no resto do mundo chegava à cidade através de suas ligações comerciais.

Ao analisar os elementos característicos da arquitetura no contexto urbano de Parnaíba, é possível perceber um dos mais importantes patrimônios arquitetônicos piauienses. Por meio dessas edificações, pode-se conhecer, identificar, estudar as formas, técnicas, sistemas e materiais utilizados na arquitetura dos edifícios e articulá-las aos valores culturais, sociais e econômicos de quem a produziu. Os valores urbanísticos podem ser identificados nas formas de ocupação do sítio urbano e os valores artísticos, históricos e de antiguidade são percebidos através das características formais e temporais da arquitetura, considerados através do estilo da edificação e da época de sua construção.

A arquitetura, com sua natureza material, perene, duradoura, mostra a trajetória das cidades, a formação e as transformações. Os edifícios são marcos de orientação e,

por isso, surge a necessidade de classificá-los em períodos, ou seja, em tipologias estilísticas¹, mesmo com o conhecimento de que eles, os edifícios, estão em processo de uso e, portanto, estão também sempre se modificando e agregando os vestígios das várias épocas percorridas. Para Rossi (2001, p.3) “a arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos”.

A arquitetura Eclética de Parnaíba reflete o período de maior desenvolvimento da cidade, a primeira metade do século XX. Os setores economicamente dominantes no esforço por distinguir-se socialmente, buscava o amplo repertório de formas arquitetônicas que poderiam ser empregadas em suas residências, pois estas funcionavam, também, como instrumento de afirmação social. E as influências nessa arquitetura, que vieram de outras partes do País e do exterior, podem ser percebidas nas formas estéticas, externas e internas das edificações.

O desenvolvimento econômico local atua diretamente na concepção arquitetônica, revelando o desejo local de inserir-se na cultura da época, de estar em contato e fazer parte do mundo civilizado.

A forma funciona como a parte material perceptiva, e os significados atribuídos a ela estão no inconsciente e no emocional de cada indivíduo. As formas passam a fazer parte da memória de cada um e, a partir da junção entre forma e significado como um todo, surgem os símbolos arquitetônicos, que, em Parnaíba, podem ser exemplificados através das casas construídas na primeira metade do século XX no sítio histórico.

Contudo, antes dos aspectos físicos, outras relações, muitas vezes não tão perceptíveis ao primeiro olhar, definem de fato o plano arquitetônico. Para entendê-las, é preciso examinar o edifício a partir de seu interior, vê-lo por dentro, como faz Michel Foucault. As redes de poder que permeiam a sociedade economicamente dominante em Parnaíba influenciam diretamente na produção arquitetônica, seja externamente, criando palacetes pomposos que exalam o poder que vem do interior e são capazes de vigiar e controlar as relações que se passam na rua, bem como internamente, organizando o espaço e enclausurando a família na tão desejada privacidade.

A Residência

¹ Tipologia é o elemento típico, uma constante. Tipologia estilística significa códigos estilísticos que levam em conta as características arquitetônicas.

As residências são um das características mais marcantes das cidades e em todos os tempos esse aspecto está presente, mesmo quando seu papel era secundário, como no caso dos castelos e de fortificações militares. As casas podem mostrar os modos de viver de uma população, as manifestações de cultura. “Na arte da arquitetura, a casa é certamente o que melhor caracteriza os costumes, os gostos e os usos de um povo” (VIOLLET-LE-DUC apud ROSSI, 2001, p. 80).

A importância das moradias também está muito clara na cidade de Parnaíba. Através dos palacetes ecléticos, percebe-se quem domina a economia e detém a riqueza local. Segundo Melo (2007, p. 63), pesquisas quantitativas e qualitativas feitas revelam que as residências ecléticas erguidas na primeira metade do século XX, são predominantes no sítio histórico da cidade. Contudo, quando de fato se estudam as casas, percebe-se que estas não se relacionam somente com o ambiente externo, com fatores materiais e econômicos, mas também recebem influências culturais e históricas e ainda estão ligadas a relações de poder que existem entre os seus habitantes.

Através de suas casas é possível entender como o lar, o local de morada, passou a ser o refúgio, o reino da intimidade e ao mesmo tempo a expressão de seu desenvolvimento. Nesse período ocorreu uma reorganização dos espaços públicos e privados, quando a vida familiar e a vida social passam a ser exclusivas e pertencentes somente a esses espaços privilegiados.

Nos estudos históricos e sociais brasileiros a casa sempre esteve como um local privilegiado. A residência está separada da rua não só por limites físicos, mas por ser um local privilegiado e complexo, onde ocorrem as mais diversas dinâmicas sociais, sendo ao mesmo tempo um espaço íntimo e privativo, representado pelos dormitórios e banheiros, por exemplo, e espaço público, como as salas de visitas e jantar. Em casa as relações se transformam, os comportamentos assumem novas posturas e as relações de poder muitas vezes são redirecionadas.

Os espaços são demarcados a partir do momento em que se estabelecem fronteiras. São concebidos de acordo com a sociedade, são invenções sociais e podem ser eternos, transitórios, legais, mágicos, individualizados ou coletivos (MATTA, 1997, p. 45). E podem ainda reunir todos esses aspectos em um espaço maior, como uma casa.

Michel Foucault e as residências parnaibanas

Para Michel Foucault, o poder não é característico de uma classe social, como a burguesia, por exemplo, ou do Estado; ele acreditava no poder atuando sobre todos, que as relações de poder estão entrelaçadas; é um jogo de forças, algo que não se pode possuir ou apoderar-se, uma rede complexa de micro-poderes, englobando todos os aspectos da vida social, invisível, molecular, positivo, construindo redes de relações (CASTELO BRANCO, 2007, p.326).

Na primeira metade do século XX, no sítio histórico da cidade de Parnaíba, é possível perceber essa rede complexa de micro-poderes, que são reveladas através da arquitetura nos edifícios residenciais.

“na medida em que se passou a pensar que o poder não era uma coisa localizada num determinado ponto, mas que ele nomeava a sociedade e construía uma rede de relações no interior da qual estávamos todos, abria-se a possibilidade de se pensar o poder no espaço, nas disposições arquitetônicas” (RAGO, 1993, p.127).

As casas ecléticas parnaibanas diferem das construídas anteriormente, no que diz respeito à sua posição no lote, em um primeiro momento, por possuir um recuo lateral e, com o passar do tempo, afastar-se de todos os limites do terreno. Essa mudança, comumente atribuída a questões de saúde, para propiciar ventilação e iluminação, também está relacionada a um novo modo de vida, que buscava distanciar-se dos limites da rua, do exterior, do que era comum a todos.

O objetivo é o isolamento, pois ocorre uma redefinição dos espaços públicos e privados. A rua deixa de ser o espaço público, que passa a ser a sala de visitas ou o salão; deseja-se a retirada do exterior para se organizar a parte, em um meio homogêneo de pessoas ou famílias iguais. A casa é o espaço íntimo, exclusivo, e dentro dela existem espaços ainda mais segregados, o que pode ser observado através da análise arquitetônica de seus mais variados cômodos, pois para cada local há uma definição da posição dos indivíduos e é através dos variados graus de poder que serão delimitados os espaços destinados a cada um.

Foucault chama a atenção justamente para o que vem antes das definições físicas dos objetos arquitetônicos, para a relação entre os indivíduos e as relações entre os espaços interiores; não só sobre os laços de sangue, mas sobre as mais diversas relações entre os ocupantes de uma casa, que são o ponto de partida na delimitação e arranjo dos espaços. Ao mesmo tempo em que é usada para demonstrar a todos o crescimento, o domínio econômico, a residência se volta para o próprio interior e é lá dentro que se

guarda a família e dentro da casa também, ocorre o zoneamento de acordo com o poder, as funções e seus ocupantes.

Ao analisar o terraço ou a varanda, cômodos que permitem o acesso à residência, percebe-se que são espaços conflituosos, pois marcam a separação da rua e atuam como uma ponte ligando-a ao interior, sendo locais destinados a se manter contato com os estranhos. Como define MATTA (1997, p.56), é um espaço “arruado”, assim como os quintais e os corredores de circulação. Estes últimos se comportam como espaços públicos, como a rua, mas dentro de casa, e, o que se tem, é um local de circulação de todos.

Parte-se então para as salas de visitas, salas de música, salas de jogos, enfim, lugares onde se recebem pessoas selecionadas; as relações de poder são muito claras nesses ambientes, basta vislumbrar as diferentes posições: de um lado, o proprietário, e de outro as visitas e os empregados, estes últimos estando ali somente de passagem, pois nessa relação seus poderes não são predominantes.

As zonas íntimas, como os dormitórios e banheiros dos donos da casa, são lugares totalmente reclusos, isolados, privativos, grandes e divididos através de critérios como sexo e idade, onde o indivíduo encontra-se completamente protegido. A cozinha e os dormitórios dos empregados estão sempre atrás; na cozinha, o espaço físico é grande, pois é dividido com a dona da casa, a soberana do lar, com poderes dominantes; mas as dependências dos funcionários são sempre pequenas, escondidas, concebidas sem qualquer preocupações com conforto, muitas vezes fora da edificação principal, pois seus poderes são reduzidos.

Ainda de acordo com o pensamento foucaultiano, a dominação não percorria necessariamente o caminho da alma para o corpo, como se tinha aprendido, mas poderia vir das coisas para o corpo e para as idéias; do ambiente material para a mente (RAGO, 1993, p.128). Para entender esse raciocínio, um bom exemplo continua sendo as casas ecléticas parnaibanas, repletas de novidades, de novos equipamentos tecnológicos, como por exemplo, água encanada, torneiras, geladeira e luz elétrica.

Tantas inovações ajudaram a transformar o indivíduo, suas práticas sociais e as relações de poder. Antes, a sociedade dependia da mão-de-obra escrava para quase tudo, que atuava como o interruptor, luz elétrica ou a descarga. No final do século XIX passou-se a contar com o trabalho assalariado e, a cada mudança, seja ela tecnológica ou não, romperam-se relações. A doméstica que servia nas casas passa a não ter mais proximidade com o entregador que pegava água na praça (RAGO, 1993, p.128); a

geladeira permitiu diminuir o número de idas ao mercado; e, assim, sucessivamente o contato entre os indivíduos, o comportamento e as próprias idéias das pessoas vão se transformando, assim como os micro-poderes existentes durante esses convívios.

Estado, cidade, casa e as relações de poder

Os pensamentos do filósofo Michel Foucault, principalmente em sua fase Genealógica² e a arquitetura eclética parnaibana são fontes importantes para o entendimento da história da cidade de Parnaíba na primeira metade do século XX.

Diferente do que ocorria antes, com a mercantilização e o surgimento das novidades, a casa deixa de ser um local de produção dos bens necessários na vida cotidiana e o que antes era feito dentro dela, agora pode ser comprado nos mercados. E aí entra o papel do Estado, intervindo na cidade, em equipamentos urbanos, criando novos programas³. Contudo, nem todos os espaços são privilegiados, mas somente aqueles onde a sociedade detém o capital econômico, e, principalmente nos espaços destinados às residências.

Ao contrário do que ocorria nas cidades medievais, que cresciam espontaneamente, sem nenhum projeto prévio, nas cidades modernas o Estado começa a projetar os espaços urbanos e a fazer planejamentos tais como estudados na história das cidades, quando surgem as idéias de cidades ideais, imaginárias, utópicas, cidades calculadas, zoneadas por funções, com reservas verdes e arruamentos retos.

Nas cidades barrocas já foram introduzidas muitas mudanças, como o alinhamento das casas, as ruas retas e as grandes avenidas, abertas e planificadas. Nesses locais, o Estado proporciona o que há de melhor no que diz respeito a aspectos como limpeza, iluminação e pavimentação. Essas transformações chegaram ao Brasil e, mesmo com algum atraso, também a Parnaíba, e a Avenida Presidente Getúlio Vargas é um exemplo de modernização da cidade.

No decorrer dessa Avenida é fácil perceber a produção arquitetônica eclética. Aos poucos, as construções mais antigas, principalmente do início do século XIX,

² Nessa fase, que vai de 1970 a 1982, Foucault discute questões de Poder e Dominância, faz a interligação entre as relações de Saber e as relações de Poder. O objeto agora é o Poder, Poder como instrumento paraestatal.

³ Programa em arquitetura significa projetar a edificação considerando o funcionamento do local. Projetar para que se tenha um melhor desempenho da função desejada.

foram cedendo lugar às inovações. As casas mostram, à medida que a avenida cresce do rio Igarçu para a Estação Ferroviária, a evolução e os vários momentos e influências do Ecletismo.

“Planejada em novos padrões, ao gosto eclético do início do século, a avenida reflete a evolução da arquitetura urbana de Parnaíba. Na extremidade do rio Igarçu prevalece um conjunto de arquitetura luso-brasileira, com suas alvenarias de pedra e cal, faiança e ferro forjado, mesclada com a carnaúba e a telha vã, adaptadas ao meio e ao clima equatorial. Na extremidade oposta, a arquitetura ferroviária da década de 40, expressa o novo tempo da expansão ferroviária no Brasil, acontecida no período de transição entre os séculos XIX e XX, responsável pela disseminação simultânea de inovações técnicas e da introdução de materiais construtivos e decorativos de produção seriada, na arquitetura tradicional brasileira” (FIGUEIREDO, 2003, p. 26).

As grandes avenidas abertas e iluminadas também são espaços para a visibilidade do poder. Esse poder urbano objetiva ser visto, mas ao mesmo tempo ver e controlar a cidade. Dos palacetes, enclausurando-se em um mundo próprio, tudo se vê e se controla, não existem pontos obscuros ou empecilhos ao olhar. Essa arquitetura vem das experiências militares, das fortalezas, das muralhas, e, posteriormente, das prisões, dos hospitais, dos asilos.

Esse é um dos principais pontos discutidos por Foucault, pois ao criar novas instituições disciplinares, foi preciso criar, também, novos edifícios para abrigar as pessoas não “adequadas” à sociedade e essas mudanças trazem muitas transformações nos modos de como o poder é exercido sobre os indivíduos. Foucault se detém no estudo do Panóptico, um modelo arquitetônico proposto por Jeremy Bentham, em 1787, concebido para proporcionar o controle disciplinar e estabelecer a hierarquia entre os indivíduos.

Considerações Finais

A cidade é indiscutivelmente um tema interdisciplinar. A história da cidade compreende a história da arquitetura e este é um olhar que não pode ser ignorado. Como acreditava Victor Hugo, a arquitetura é o grande livro da humanidade, um livro de pedra, a expressão principal do homem em seus diversos estados de desenvolvimento, seja como força, seja como inteligência (CHOAY, 2007, p.324).

Para a história de Parnaíba, o patrimônio arquitetônico é uma fonte primorosa de pesquisa, sobretudo as residências erguidas no período áureo da economia local. Mas esse patrimônio, marcado pelo Ecletismo e rico em características externas, também deve ser analisado internamente, profundamente, revelando todas as relações existentes e que contribuíram de algum modo na sua produção e no desenvolvimento da cidade.

Por isso, articular as relações de poder tão discutidas por Michel Foucault e Parnaíba foi, a princípio, uma idéia audaciosa, mas que no fim proporcionou bons frutos, novos questionamentos e um novo olhar por sobre a arquitetura e a história da cidade, pois para ele, um edifício só pode ser concebido a partir de ordenamentos prévios, tais como as atividades dos indivíduos e as relações entre eles.

A leitura do filósofo Foucault na construção desse trabalho pode ser utilizada a partir dos mecanismos que tem uma história, leia-se arquitetura, com a concepção que inclui um caminho primeiro – Ecletismo, enquanto modelo praticado na Europa – e um modelo exercitado em Parnaíba na primeira metade do século XX. Este último deslocado por uma forma de dominação global vinda da Europa, que, por sua vez, não consegue ser inteiro ao entrar em contato com a prática local, encontrando atritos que repercutem em um novo e pluralizado Ecletismo e que se torna particularizado dentro da realidade parnaibana.

Referências Bibliográficas

CASTELO BRANCO, E. de A. Fazer ver o que vemos: Michel Foucault – por uma História diagnóstica do presente. *UNISINOS*, São Leopoldo, (RS), v. 11, n° 3, p.321-329, 2007.

CHARTIER, R. *A história Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1988.

CHOAY, F. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FIGUEIREDO, D. M. F. *O monumento habitado: a preservação de sítios históricos na visão dos habitantes e dos arquitetos especialistas em patrimônio*. O caso de Parnaíba. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, [2003].

MATTA, R.da. *A casa & a rua*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, N. B. A. L. *Parnaíba cosmopolita: um estudo da sua arquitetura vinculada às formas tradicionais e às inovações da segunda metade do século XIX e primeira metade*

do século XX. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Instituto Camillo Filho – ICF, Teresina, 2007.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAGO, M. As marcas da pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea. *Anos 90 - Revista do PPGH/UFRGS*, v. 1, n.º.1, 1993 p.121-143.

ROSSI, A. *A arquitetura da cidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.